



Você reúne as competências da Era Conceitual?



Na nova era, as competências tão valorizadas no século 20 deixaram de ser as mais importantes. O “efeito-Ásia” é um dos movimentos da economia mundial que impulsionam mudanças que afetam nosso modo de trabalhar e nossa capacidade de sobreviver.

Entramos na Era Conceitual, tempo em que aqueles que são criativos e têm capacidade de empatia são os personagens centrais. Esse foi o ponto principal da palestra realizada por Daniel Pink no Fórum HSM Inovação & Crescimento, realizado nos dias 28 e 29 de junho. Conhecido por instigar as pessoas a não pensarem de maneira convencional, o consultor começou sua apresentação oferecendo um panorama sobre os movimentos globais que mudam a natureza do trabalho e impactam a sobrevivência de indivíduos e organizações.

Pink recordou como era a visão de futuro na segunda metade do século 20: “Nasci em uma família de classe média norte-americana. Meus pais me deram conselhos que pais em muitos países do mundo também davam aos seus filhos: ‘Estude, tire boas notas e escolha uma carreira que lhe dê estabilidade econômica, como engenharia, direito ou contabilidade’”. Foi assim que ele optou por direito, mas nunca exerceu a profissão.

Para seguir a recomendação dos pais do século passado, era preciso desenvolver um conjunto de competências que ainda são importantes no mundo atual – mas não suficientes, nem tampouco as mais importantes. “No entanto, em muitos países, essas novas competências ainda não são muito valorizadas”, comentou o palestrante.

Uma metáfora para a nova ordem

Pink escolheu a metáfora do cérebro humano para explicar o que acontece no mercado de trabalho do Brasil e de todo o mundo depois da grande crise iniciada em 2008. “Embora usemos os dois hemisférios do cérebro em tudo o que fazemos, ainda trabalhamos com a ideia de que cada lado seja um departamento diferente do outro. Em poucas palavras, enquanto o direito processa tudo de uma única vez, realizando sínteses, o esquerdo funciona em atividades sequenciais, realizando análise”, resumiu o consultor.

Transmitida a imagem, a analogia principal foi apresentada: antigamente, a competência mais importante de qualquer empresa eram características do hemisfério esquerdo, que é lógico, linear, sequencial. Ainda que determinem competências essenciais, as competências características do lado

direito são as mais valorizadas hoje, tanto no nível do desempenho individual como organizacional ou até de países. São elas que definem, por exemplo, quem será promovido e quais economias vão prosperar.

Vetores de mudança

Pink identificou três forças muito poderosas que fazem com que o mundo penda para as competências do lado direito do cérebro: Ásia, automação e abundância.

Quando se refere à Ásia, o palestrante trata de um fenômeno que é muito evidente na Índia, onde há, por exemplo, cada vez mais jovens que desenvolvem softwares para empresas norte-americanas. “Em Washington, um jovem seria remunerado em US\$ 70 mil por ano. Na Índia, eles recebem menos de um terço desse valor”.

Na visão de Pink, os fornecedores de baixo custo orientais afetarão muito a vida no Ocidente, e esse efeito é ainda desconhecido, mas ele citou alguns fatores de alto impacto, como a grande vantagem da Índia: 1 bilhão de habitantes. “Se apenas 15% dos indianos forem talentosos e ambiciosos e pertencerem à classe média, já serão 150 milhões de pessoas”, calculou.

A comparação foi feita com os Estados Unidos: somando todos os trabalhadores remunerados dos Estados Unidos, temos 140 milhões de pessoas. “Ainda que 85% dos indianos fiquem para trás, haverá mais indianos talentosos e educados do que pessoas trabalhando na maior economia do mundo.” Além disso, na Índia, há mais pessoas que falam inglês, a língua universal dos negócios do que nos Estados Unidos. “Um indiano pode falar com o Brasil, onde também muita gente fala inglês, praticamente de graça, pelo Skype”.

Nas economias mais avançadas, há uma palavra que vem sendo rechaçada: “rotina”. Assim, quando o trabalho é rotineiro (segue um roteiro, contém várias etapas, tem uma resposta certa), ele já não tem valor. Resultado: migra para qualquer parte do mundo onde possa ser feito de maneira mais barata. “Já vimos isso acontecer com a manufatura, agora vemos no desenvolvimento de softwares”.

O mundo não precisa ainda de quê?



Tendo muitas economias atingido o estágio de abundância, serão protagonistas aqueles que conceberem aquilo que o mundo não sabe ainda que precisa. O design desponta como um das seis competências fundamentais na Era Conceitual, segundo Daniel Pink.

Após abordar o impacto da Ásia no mercado de trabalho e na economia mundial, o consultor Daniel Pink abordou durante o Fórum HSM Inovação e Crescimento 2011, realizado nos dias 28 e 29 de junho, os efeitos da automação e da abundância e revelou algumas competências que constituem os protagonistas da nova ordem.

Os softwares substituíram muito do que nosso lado esquerdo do cérebro realiza. Assim, enquanto um contador norte-americano pode cobrar até US\$ 1 mil por uma declaração de Imposto de Renda, o software TurboTax, vendido a US\$ 39, pode fazer as mesmas contas. Torna-se, portanto, muito difícil concorrer nessas atividades que pressupõem rotinas que um computador pode realizar, e esse é o efeito da automação sobre o trabalho e a concorrência.

O fator “abundância” como impulsionador de mudança diz respeito ao fato de que muitas economias atingiram um patamar de acesso praticamente total aos bens existentes. Há mais telefones celulares no Brasil do que brasileiros, por exemplo. “Se as pessoas já têm celulares, é preciso encontrar uma maneira diferente de entregar um celular. Queremos design, produtos novos, serviços interessantes. Essas forças adquirem ímpeto e nos trazem à Era Conceitual”, diz Pink.

A vez, agora, é de quem é criativo e tem empatia, isto é, capacidade de ver o mundo pela perspectiva do outro. “Esses são os personagens centrais, que fazem coisas difíceis de terceirizar e automatizar, que fazem o que o mundo não sabia precisar, como um iPad”, explicou o palestrante, que enfatizou: “Isso é o que fazem os artistas”.

Seis competências que mudam o jogo

As competências da nova era são assim denominadas por Daniel Pink:

- Design
- História
- Sinfonia
- Empatia
- Lúdico
- Sentido

“O design constitui grande vantagem para o Brasil, que é uma superpotência na área, como os Estados Unidos e a Itália já foram”, comentou o consultor, para quem é no design que reside a saída para o “inferno das commodities” do qual todos estamos à beira. Se antes os atributos funcionais de um produto faziam a diferença, hoje eles são commodities e é preciso prestar atenção às características emocionais e estéticas como diferenciais. “Considero o design como uma maneira muito elegante de encontrar soluções que mudem o mundo”.

Uma empresa brasileira de aparelhos auditivos encontrou uma alternativa interessante para a constante necessidade de reposição de pilhas: a energia solar. Um jovem norte-americano desenvolveu frascos de remédios em que as informações mais importantes estão muito claras e cores diferentes são utilizadas, ajudando as pessoas a saberem seu conteúdo, ainda que a bula não esteja por perto. Os japoneses desenvolveram um display diferente para celulares em pontos de venda, de modo que a variedade de cores fique em destaque. Todas são soluções de design inteligente.

“A melhor solução para você pensar como um designer? Tenha um caderno de design. Na semana que vem, todo dia, escreva um exemplo de bom design e um de ruim. Tudo à nossa volta é resultado de uma decisão de design, um produto da intenção humana”, ponderou Pink.

Continue acompanhando a cobertura da palestra de Daniel Pink e conheça as cinco outras competências valorizadas na Era Conceitual.

A meta é ter lucro e propósito.



Daniel Pink conclui sua apresentação no Fórum HSM Inovação e Crescimento explicando aspectos fundamentais à liderança de vanguarda: histórias, sínteses, empatia, ludicidade e sentido.

Após ter ressaltado a importância do design na Era Conceitual, Daniel Pink prosseguiu sua exposição durante o Fórum HSM Inovação e Crescimento 2011, realizado nos dias 28 e 29 de junho sobre as competências mais relevantes para o século 21 falando sobre a capacidade de contar uma história. “Como hoje é o design, a história será o grande diferenciador em alguns anos”, afirmou.

O palestrante recordou que foi comprar vinho e se viu diante de muitas opções. Escolheu um cuja garrafa contava a história da bebida, que tinha sido criada por dois irmãos em homenagem à mãe que morrera de câncer. Ainda anunciava que seriam doados 50 centavos por garrafa vendida para pesquisas sobre o câncer. “Para mim, essa era a diferença entre esse vinho e outros na loja”, contou.

Um exemplo de um produto que ultrapassou a barreira da comoditização por meio de uma história é a banana comercializada pela Dole. Em cada fruta, a empresa afixa um selo onde existe um número. A pessoa interessada digita o número no site da Dole e conhece a fazenda onde a banana foi produzida. “Por isso, ela pode até cobrar um pouco mais.”

Os consumidores estão comprando a história da cadeia de fornecimento também no caso da empresa mineira Kapeh. Ela usa extrato de café como componente de seus cosméticos. Em seu website, há o menu “rastreadibilidade”, pelo qual se conhece a Fazenda Rancho Fundo, onde o café é produzido.

Pensando no todo

O psicólogo Daniel Goleman identificou que apenas uma competência cognitiva está relacionada ao bom desempenho: a capacidade de reconhecer padrões, que é o que distingue uma “estrela” das pessoas medianas. Pink ressalta: “É difícil terceirizar a capacidade de pensar no todo, reconhecer padrões e realizar sínteses”. A essa competência ele deu o nome de “sinfonia”, essencial para que se misturem coisas diferentes e se crie algo novo.

Inspirar-se no design de uma bolsa Chanel para produzir outra com argolas de latas de alumínio é aplicar a sinfonia. Construir um banco de pontos que dão direito a descontos em compras, com base em economia de consumo de água, como fez a Ambev com o Banco Cyan, é outro exemplo dessa competência.

A capacidade de empatia é uma das seis competências essenciais da nova era. Foi preciso empatia para que a Duracell percebesse que perdia vendas de pilhas para aparelhos auditivos por causa da embalagem. Alguém alertou o presidente: “As pessoas que têm problemas de audição tendem a ser mais idosas e também têm mais dificuldade de enxergar e são menos habilidosas com as mãos. Abrir nossa embalagem é difícil”.

Brincar faz sentido

O aspecto lúdico da vida não pode ser perdido de vista por quem quer estar na vanguarda. Por isso, Pink considera a ludicidade como uma competência essencial. “O humor, usado habilidosamente, coloca graxa na engrenagem da gestão. É um marcador de inteligência emocional, e rir de si mesmo é uma forma muito boa de estabelecer aliança”, destacou.

“Sentido” é a última da lista de competências que o consultor abordou durante sua palestra. A explicação é simples: “Quando, nas economias, já não se luta para sobreviver, passa-se a desenvolver interesse por sentido, o que tem a ver com estilo de vida. Há, portanto, limites ao lucro como fator motivador.”

“Se você quer ser inovador, não é suficiente falar só em aumentar o preço da ação”, alertou Pink. Para ele, quando se soma lucro a propósito, muitas coisas boas podem acontecer. “Hoje, precisamos de um propósito maior do que seu produto. Espero que muitos aqui saiam para melhorar o mundo lá fora”, concluiu.

Portal HSM
29/06/2011

[Veja a cobertura completa do Fórum HSM de Inovação e Crescimento 2011](#)